

MAGNONI, Antônio Francisco (org); CARVALHO, Juliano Maurício de. **O novo rádio – cenários da radiodifusão na era do rádio digital** – São Paulo, Editora Senac, 2010. 294p.

Eduardo Medeiros¹

Sobrevivente em várias crises, o rádio enfrentará agora uma nova fase influenciada pela disseminação da internet e a possibilidade de convergência midiática. Será possível, a partir dessas mudanças que estão para ocorrer, receber textos e imagens em um único aparelho de rádio. A plataforma digital abrirá novos horizontes para este veículo, que realizou suas primeiras transmissões via ondas que trafegavam pelo ar, passando por meios de sinais analógicos e chegando a uma transmissão digital por *bits*, que fará que o rádio não seja mais uma mídia baseada exclusivamente no áudio.

Antenado a essas inúmeras transformações tecnológicas que o veículo irá sofrer, o livro **O novo rádio – cenário da radiodifusão na era do rádio digital** apresenta questões importantes que devem ser debatidas que, se não respondem a tantas interrogações que angustia estudantes, pesquisadores e amantes do rádio, traz em seus artigos, importantes contribuições para visualizarmos os novos cenários para este veículo camaleônico. Como por exemplo, as expectativas e limitações em relações ao sinal analógico em oposição ao digital; as mudanças na programação e na linguagem das emissoras digitalizadas; a regulação das rádios digitais; o radiojornalismo digital; os problemas enfrentados pelas rádios comunitárias na pós-modernidade e os novos caminhos da publicidade radiofônica.

A obra é organizada por Juliano Maurício de Carvalho e Antonio Francisco Magnoni, professores da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru) e traz artigos de profissionais e pesquisadores de destaque como Luiz Artur Ferraretto, Takashi Tome, Nélia Del Bianco, Octavio Pieranti, Sonia Moreira, Eduardo Meditsch, Adilson Cabral, Eula Cabral, Clóvis Reis, Ana Carolina Almeida.

O padrão de rádio digital a ser utilizado no Brasil ainda não foi definido, mas provavelmente poderá ser escolhido agora em 2013. Isto porque em 2012, o Ministério das Comunicações realizou testes e criou um Conselho Consultivo para decidir que

¹ Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea, professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unemat.

padrão adotar no país. No entanto, uma série de lacunas ainda aparece e dificulta uma decisão sobre o padrão de rádio digital, principalmente por conta das rádios comunitárias. Desde 2010, o país vem testando dois padrões de rádio digital, o norte-americano, Iboc (HD Rádio) e europeu DRM.

O sistema Iboc possibilita a transmissão híbrida de sinais, ou seja, tanto o analógico e o digital, convivem dentro do mesmo canal. Ambos utilizam o mesmo decodificador de áudio e o mesmo processo de modulação, diferenciando em alguns detalhes como a configuração de parâmetros ou a alocação do espectro. Este sistema, apresenta um menor custo de implementação e a vantagem do usuário é continuar sintonizando o seu rádio nas mesmas frequências das estações AM e FM atuais. Em qualquer sistema, será necessário adquirir um receptor de rádio digital. Porém, segundo mostra Takashi Tome, o padrão norte-americano, traz problema para as rádios comunitárias, por conta da potência limitada de 25 watts. Porque para ser transmitido juntamente como o analógico, o sinal digital tem que operar em uma potência abaixo da necessária, para não comprometer a cobertura do analógico. Isto afetaria o sinal digital que não proveria a potência necessária para manter a mesma qualidade de transmissão e essa situação persistiria até o desligamento do sinal analógico que pode levar até duas décadas.

Tome acredita que, apesar de algumas ressalvas na escolha do padrão que se encaixe as necessidades brasileiras, o rádio digital abre novos caminhos e cria expectativas interessantes por conta das transmissões de dados, que poderá agregar informações complementares e abrir novas possibilidades para programas de noticiários, musicais e de entrevistas. “Afinal, uma das características do rádio é a de ser uma mídia intimista, com forte apelo ao uso da imaginação e sugestão, e a introdução da imagem poderá distorcer ou suprimir essa característica. São questões importantes que devem ser debatidas”. (p. 83).

Assim, a política de implantação da digitalização do rádio é importante para fazer essas correções e adequações do padrão a ser escolhido no Brasil. Em outros países, onde já ocorreu a digitalização do veículo observam-se apropriações diferenciadas da tecnologia, motivada por questões sociais, políticas ou de razão econômica. Entretanto, é notável o poder revolucionário que a tecnologia digital traz ao rádio que, além da melhora da qualidade do áudio, possibilita a diversificação da programação, da linguagem e a possibilidade de radiodifusores produzirem conteúdo

informativo mais atrativo. Conforme explica a professora e pesquisadora Nélia Del Bianco, os produtores terão de diversificar a forma de apresentação dos conteúdos e integrá-los a novos formatos de distribuição digitais, como celular e aparelhos de MP3. “O rádio continuará sendo sonoro, porém com funções multimídia, portanto terá de agregar uma linguagem flexível que possibilita diversificar conteúdos, o que torna inevitável integrar sua programação a novos formatos de distribuição e ser capaz de compatibilizar voz, imagens e dados”. (p. 109).

Como bem aponta Eduardo Meditsch, a interatividade aparece então como o principal desafio para os produtores de informação sonora, onde apenas a melhora na qualidade do som para ouvir uma mesma programação não seja suficiente para justificar o investimento, como observado em experiências em outros países. Para Meditsch, a sobrevivência do radiojornalismo no contexto digital, não depende dos suportes utilizados, mas sim da continuidade de seu uso social de uma determinada maneira, na preservação da modalidade cultural (p.205). No entanto, ele acredita que esses novos recursos sejam compreendidos pelos produtores como complementares e sejam utilizados com cuidado, de modo que não descaracterizem a informação sonora, mantendo a sua principal qualidade que é a praticidade de recebê-la sem utilizar os olhos fazendo simultaneamente outras tarefas.

É claro que não se pode falar do futuro da informação sonora sem considerar a atual crise do jornalismo e dos problemas da indústria da mídia e, neste sentido, a transmissões digitais podem dar uma revitalização do meio rádio, ampliando seu emprego como mídia publicitária e, com isto, aumentando sua participação no bolo publicitário, como aponta Clovis Reis. Para o autor, o novo sistema de transmissão deverá aumentar a área de cobertura, melhorar a qualidade do áudio e propiciar uma oferta de serviços de valor agregado, com o apoio de textos e imagens. “Em médio prazo, com a efetiva convergência tecnológica e uma maior interação com o ouvinte, se prevê que o setor experimente um novo modelo de negócio” (p.260).

Como podemos observar, os artigos do livro debatem todos os aspectos que a revolução tecnológica poderá trazer ao meio rádio e os principais efeitos e impactos dessas mudanças. Os organizadores acreditam que este é um momento fértil para pesquisadores e estudiosos brasileiros de comunicação estar atentos a essas mudanças que ocorrerão e também os profissionais que atuam neste meio, que é veterano entre as

mídias eletrônicas, já teve sua morte anunciada por duas vezes, mas, que ainda detém os maiores níveis de audiência no país.

